

1 | *Studia Lusitana Serdicensia*

**NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE**

Yana Andreeva | Vesela Chergova | Iliyana Chalakova (Eds.)

Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski

NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE



NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE

Edição:
Yana Andreeva
Vesela Chergova
Iliyana Chalakova

Sófia • 2024
Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski

A edição realiza-se ao abrigo do projeto Nº 80-10-183/27.05.2022 no âmbito do Programa de Investigação da Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas da Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski e com os apoios de



FACULDADE DE FILOLOGIAS
CLASSICAS E MODERNAS



- © 2024 Яна Андреева, Весела Чергова, Илияна Чалъкова, съставители
- © 2024 Антонина Георгиева, дизайн на корицата
- © 2024 Университетско издателство „Св. Климент Охридски“

ISBN 978-954-07-6070-4

<https://doi.org/10.60055/NE.2024.6070.1-186>

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA	7
LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA	13
Poesia de testemunho na era das migrações	15
Ana Paula Coutinho	
O Tupi e sua presença na literatura brasileira	37
Eduardo de Almeida Navarro	
Escritor e sociedade nos <i>Cadernos de Lanzarote</i>, de José Saramago	48
Yana Andreeva	
Assombrações quotidianas no universo ficcional de Augusto Abelaira	55
Silvie Špánková	
Adília Lopes: uma consciência literária eco-ética	73
Maria do Carmo Cardoso Mendes	
Rasura e palimpsesto: a narrativa de Ana Margarida de Carvalho	80
Monica Figueiredo	
“Eu – Onça”. A questão da cópula ausente em <i>Meu tio o Iauaretê</i>, de Guimarães Rosa	87
Bálint Urbán	
LINGUÍSTICA, CULTURA E TRADUÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	97
A vogal temática na derivação deverbal: dois casos	99
Ildikó Szijj	
<Recomeçar a + infinitivo> no português europeu	108
Henrique Barroso	
Presente e futuro do conjuntivo em orações subordinadas adverbiais temporais: mudanças em curso e juízos avaliativos	121
Maria Paz Candela de la Torre, Maria José Carvalho	
Duas línguas em confronto, ou da aquisição dos clíticos do português por aprendentes búlgaros de PLE	131
Ana Paula Loureiro, Vesela Chergova, Henrique Barroso	

Uso didático do romance <i>Agosto</i>, de Rubem Fonseca, nas aulas de tradução literária	148
Jana Benková Marcelliová	
<i>Soldados da pena: a Guerra Peninsular na história da tradução em Portugal</i>	156
Ana Belén Cao Míguez, Ignacio Vázquez Diéguez	
Material humorístico na aula de PLE: da interpretação à produção por alunos hispanofalantes	167
Ana Rita Carrilho	
Os sons do português produzidos por aprendizes húngaros de PLE: aspectos fonéticos	175
Luma da Silva Miranda	

Soldados da pena: a Guerra Peninsular na história da tradução em Portugal

Ana Belén Cao Míguez

Universidade da Beira Interior
abcm@ubi.pt

Ignacio Vázquez Diéguez

Universidade da Beira Interior
jivd@ubi.pt

Resumo

Este estudo dá a conhecer um episódio singular da história da tradução em Portugal, cruzando a perspetiva da tradutologia com a dos estudos literários comparados, visto que se interessa pelas relações culturais entre Portugal e Espanha concretizadas na forma de importações textuais por via translativa. Estando essas relações alegadamente marcadas pelo afastamento até, pelo menos, os meados do século XIX, o intuito é demonstrar a existência de manifestações que sinalizam o início de uma aproximação em tempos mais recuados, como a que aqui se irá apresentar, ligada às invasões napoleónicas.

Palavras-chave: História externa da tradução em Portugal, Guerra Peninsular, literatura panfletária, estudos ibéricos, relações entre Portugal e Espanha.

1. Introdução

O presente trabalho aborda uma ocorrência notória, embora pouco conhecida, na história da tradução em Portugal. Sendo a tradução uma das formas mais relevantes de relacionamento com o(s) Outro(s), pomos em diálogo os Estudos de Tradução e a Literatura Comparada, porquanto as traduções nos interessam aqui na medida em que constituem “testemunhos de primeiro plano na hora de estudar contactos entre literaturas” (Gallego Roca 1994: 54)¹ e são “exemplo privilegia-

¹ Todas as traduções para português das citações originalmente redigidas noutra língua são nossas.

do dos contactos inter-sistémicos” (Sabio Pinilla e Fernández Sánchez 1998: 9). Mais concretamente, ocupamo-nos das relações culturais entre Portugal e Espanha, emolduradas num quadro dinâmico de complexas redes de in/dependências e des/equilíbrios de poder em que, não raro, o campo político e o cultural se sobrepõem. É por isso que, após um período de laços estreitos no plano cultural como no político durante a União Ibérica, a partir da Restauração de 1640 ter-se-á produzido um paradoxal afastamento entre “povos irmãos” que persistirá, pelo menos aparentemente, até aos meados do século XIX, quando Portugal e Espanha se voltaram a aproximar sob os ideais do Romantismo e do Iberismo.

Existem, todavia, manifestações (translativas e não só) que permitem adiantar cronologicamente o início dessa aproximação. Portugal e Espanha começaram a procurar-se já a partir do último quartel do século XVIII, conforme se acentuava a perceção da perda da sua outrora notável ascendência internacional e a consequente dependência política e cultural de terceiros alheios ao espaço ibérico. Um ponto culminante dá-se com a Guerra Peninsular (1808–1814), pois “a Península redescobriu a sua globalidade no momento em que foi globalmente invadida pelos exércitos napoleónicos” (Magalhães 2007: 159). Assim, a partir do ano 1808, e numa altura em que o sistema literário português se subordina à cultura francesa, língua de que procede a maior parte dos textos importados através da tradução, deparamo-nos com o curioso fenómeno de que se dará conta nestas alíneas – a ingente quantidade de traduções para a língua portuguesa de textos espanhóis relacionados com o conflito resultante da ocupação napoleónica da Península Ibérica.

2. História das relações ibéricas após a Restauração: o “fosso total”?

Os estudiosos das relações entre Portugal e Espanha vêm apontando como, a partir da Restauração, os intercâmbios literários e culturais, até ali particularmente intensos, experimentaram um notável decréscimo. No que toca à tradução em particular, a escassez de produtos importados do espanhol em Portugal por essa via poderia obedecer fundamentalmente a duas razões (de signo contrário). Por um lado, dever-se-ia à receção dos textos espanhóis na língua original, dada a ainda persistente posição heterónoma do sistema cultural português e o bilinguismo dos leitores cultos. Por outro lado, explicar-se-ia pelo facto de que, a partir dessa simbólica data de 1640, Portugal “voltava as costas, de forma propositada, à cultura espanhola” (Dasilva 2008: 6); ou seja, a cultura até ali subordinada procurava independentizar-se da cultura dominante mediante aquilo a que João Ferreira Duarte (2000: 98) designa de embargo cultural por motivos ideológicos. Daí que se verifique, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, o que Maria Fernanda de Abreu oportunamente definiu como um “deslocamento importante na geografia literária

de Portugal nas relações internacionais” (Abreu 2010: 207), passando o sistema literário português de uma dependência de Espanha no Barroco para um Iluminismo e um Pré-Romantismo que o fazem dependente de França.

Consoante afirma Miguel Pérez Corrales na sua excelente *Pirene Romântica*, no setecentos “as relações literárias entre ambos os países foram praticamente nulas no que diz respeito ao propriamente criativo, e ficavam limitadas ao intercâmbio cultural entre alguns intelectuais” (Pérez Corrales 2003: 19). Quanto à centúria seguinte, a primeira metade é eloquentemente definida por este mesmo autor como um “fosso total” no que concerne a essas relações. Só a partir da década de 1840, com o dealbar do Romantismo (e do concomitante Iberismo), nomeadamente desde 1848, dar-se-ia já uma “apoteose de contactos” refletida igualmente na atividade tradutória, até essas datas “paupérrima”: com anterioridade ao ano de 1841, haveria apenas cinco títulos traduzidos do espanhol (Pérez Corrales 2003: 81–82).

No entanto, começar a mapear o território relativamente ignorado da história externa da tradução do espanhol para o português revela algumas surpresas. Assim, o estudo de Cao Míguez (2017) apontou vários fenómenos translativos qualitativa e quantitativamente relevantes a partir de uma data bem mais recuada (1780), coincidindo com a dita *Viradeira* e a mudança na política exterior que se imprimiu nos tempos de D. Maria I a respeito da era pombalina. O referido estudo, onde é realizado um levantamento das traduções da língua espanhola que circularam em Portugal entre 1780 e 1850, deparou-se com a existência de 484 títulos traduzidos do castelhano nesse lapso de setenta anos, 342 (70%) publicados em livro ou folheto e 142 (30%) em formatos não autónomos (*v. gr.* periódicos, apesar de o estudo não ser exaustivo neste particular).

Dominam nesse conjunto as ali chamadas *tarduções*: obras espanholas dadas a conhecer em versão traduzida de forma tardia a respeito da data de aparecimento dos correspondentes originais. As traduções para o português de originais espanhóis cronologicamente mais próximos, muito menos abundantes, respondem frequentemente a textos paraliterários, amiúde vinculados a acontecimentos da história factual que deixam transparecer as ligações estreitas entre o campo político e o cultural já atrás sublinhadas. É justamente esse o caso do fenómeno tradutório sobre o qual nos debruçamos nestas páginas, produzido numa altura em que “a literatura se converte em instrumento para a propaganda forjada por um discurso que lhe é alheio” (Álvarez Barrientos 2011: 5).

3. Traduções do espanhol em tempos de guerra: uma cartografia

Os dados relativos à distribuição cronológica das espécies traduzidas inventariadas no trabalho atrás citado (Cao Míguez 2017) falam por si sós: mais de um

quarto do total de traduções do espanhol reunidas em todo o período contemplado no estudo (129 em 484 traduções ao longo de sete décadas) concentram-se entre os anos 1808 a 1815, intervalo em que 126 em 129 espécies (97,67%) se prendem com a Guerra Peninsular, sendo que mais de metade (70 em 126 traduções) surgem logo no ano de 1808.

São estes tempos em que os acontecimentos históricos desencadeiam uma aproximação entre os dois reinos peninsulares e em que, de um e do outro lado da fronteira, se luta contra o inimigo comum “não apenas com armas, mas também com tinta e papel” (Ventura 2007: 5). A guerra “apropria-se do espaço público, do campo literário e da criatividade dos autores”, tornando-se estes (os autores, mas também os tradutores) em “soldados da pena” (Álvarez Barrientos 2011: 4–5). Por vezes, os próprios textos originais procuram abertamente o Outro peninsular, cujos destinos e interesses se consideram coincidentes. Veja-se, a título ilustrativo, aquele que na sua versão portuguesa foi intitulado como *Nova proclamação dos hespanhoes aos portugueses, extraída do Diario da Corunha de 6 de Novembro de 1808* (Lisboa, Officina de João Evangelista Garcez, 1808)². Não admira, portanto, que a profusa literatura panfletária e militante produzida em Espanha aquando das invasões napoleónicas seja traduzida para português com um inédito imediatismo, ocupando a língua espanhola um espaço nunca até então conhecido no subsistema translativo da cultura recetora portuguesa.

Para começar esta breve cartografia, deve sublinhar-se que estamos diante de uma literatura constituída por textos tendencialmente breves, apesar da sua heterogeneidade e do seu carácter muitas vezes híbrido, uma vez que, além de peças informativas ou factuais, nos deparamos com textos que acarretam graus de ficcionalização mais ou menos intensos, segundo teremos oportunidade de constatar em seguida. Encontramo-nos, pois, com uma miríade de textos muito variados: manifestos, proclamações, cartas fictícias ou reais, diálogos imaginários, relatórios militares, partes de guerra, exaltações patrióticas, orações, catecismos, etc.

Por outro lado, cabe recordar também que o *Jano ibérico* oferece, nesta ocasião, duas faces: a dos “patriotas abertos ao estrangeiro” ou afrancesados e a dos “patriotas centrípetos” ou casticistas (Abreu 2000: 385), ala que por sua vez aglutina dois grupos em princípio tão distantes – antinómicos até – como sejam o dos (proto)liberais francófilos, partidários de um novo modelo de Estado, e o dos absolutistas, defensores do Antigo Regime. Nos textos traduzidos aqui em análise, domina, com pou-

² Mantemos sempre as grafias e a pontuação originais, quer dos títulos das obras traduzidas do espanhol, quer dos dados editoriais que lhes dizem respeito. Na *Proclamação dos hespanhoes aos portugueses* que se acabou de referir, podemos ler (citando, de novo, pela tradução portuguesa): “Eia pois, Nobres Lusitanos, recordai na vossa memoria os Viriatos, os Gamas, os Andrades, e outra infinidade de tantos Heroes [...]: Imitaios, e univos sem perda de tempo com os vossos Irmãos Hespanhoes”.

cas exceções³, a literatura panfletária antinapoleónica e antirrevolucionária – a qual contribui para a construção discursiva de um relato (e de uma imagem da guerra) em que há *heróis* e *vilões*. Entre os primeiros, os heróis da resistência espanhola, contemplam-se personagens individuais (mormente militares como o General Palafox, distinguido pelos seus lendários feitos no sítio de Saragoça), cujos retratos sabemos que eram igualmente distribuídos em Portugal em gravuras e estampas avulsas, mas também personagens coletivas: a massa popular que corajosamente se levanta em armas para defender a “pátria ultrajada”⁴.

De forma análoga, os *vilões*, inimigos ou intrusos, sempre rodeados na sua apresentação textual de um arsenal retórico e metafórico assaz expressivo, podem ser coletivos – como pode ver-se, por exemplo, em *O Patriotismo Hespanhol, triunfante da rapacidade franceza ou os tres dias de Madrid* (Lisboa, Imprensa Regia, 1808) – ou individuais. Neste último caso, os textos concentram-se particularmente na figura de Napoleão, mas também nas de José Bonaparte e Joaquim Murat, com frequência abordadas de forma humorístico-caricatural. Bastará citar peças como *Proclamação do Inferno contra o Imperador dos francezes* (Lisboa, Imprensa Regia, 1808); *Buonaparte sem mascara. Tradução do hespanhol por F. I. J. C.* (Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1808); *O tyranno da Europa Napoleão I. Manifesto que a todos os povos do mundo, e principalmente aos hespanhoes apresenta o Lic. D. J. A. C. Traduzido do hespanhol por F. I. J. C.* (s. l., [1808]); *A besta de sete cabeças e dez cornos ou Napoleão, Imperador dos francezes* (Lisboa, Imprensa Regia, 1809; chegou a ter onze edições entre 1809 e 1810); *O sermão sem fruto, ou José Botelhas em o Ajuntamento de Logronho. Entremez* (Lisboa, Imprensa Regia, 1810); ou *A morte de Murat. Scena tragica, ou semi-unipessoal joco-serio* (Lisboa, Officina de João Evangelista Garcez, 1808).

São também abundantes os textos – desta feita, traduzidos do espanhol, mas também redigidos originalmente em português – que giram à volta do rei Fernando VII, retratando-o como vítima da usurpação do trono pelos franceses com a conivência do ministro Manuel Godoy, encarnação da perfídia. Um dos que teve maior

³ É o caso do folheto bilingue pró-bonapartista *Sobre la citucion [sic] de la España. Carta de un Oficial retirado á uno de sus antiguos compañeros / Sobre a situação de Hespanha. Carta de hum Official Reformado a hum de seus antigos camaradas*, do Abate Marchena (s. l., 1808).

⁴ Seleccionamos alguns títulos ilustrativos do que se acabou de descrever: *Súplica que fez o Excellentíssimo Senhor General D. José Palafox a Nossa Senhora do Pilar de Saragoça, pedindo-lhe lhe concedesse victoria contra os inimigos da Religião, e da Humanidade com os Versos da Ave Maria* ([Lisboa, Imprensa Regia], 1808); *Palafox verdadeiro heroe da historia, e da Europa, demonstrado por suas acções heroicas. Por hum hespanhol* (Lisboa, João Evangelista Garcez, 1809); *Falla que fazem os sacerdotes, religiosas, ancians, matronas, e meninos de Madrid á mocidade que se tem alistado no presente anno de 1808, para servir no exercito em defesa da Religião, da Patria e do Rei D. Fernando VII [...]. Traduzida do hespanhol* (Lisboa, Imprensa Regia, 1808).

difusão na Europa do momento foi o que em português recebeu o título de *Exposição dos factos, e maquinações, com que se preparou a usurpação da Coroa de Hespanha, e dos meios que o Imperador dos francezes tem posto em pratica para realizalla. Escrita em Hespanhol por D. Pedro Cevalhos, primeiro secretario de Estado e do despacho de S. M. C. Fernando VII; traduzida em portuguez, e publicada para desengano da Nação e conhecimento da detestavel Protecção Franceza* (Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1808, com 4 edições no mesmo ano)⁵.

Embora não se hajam tido em consideração os casos em que publicações periódicas espanholas completas circularam em Portugal em versão traduzida, mantendo o formato de periódico, cabe mencionar um caso, o do *Correo del otro mundo*, em que quatro dos seus seis números foram publicados em tradução portuguesa entre os anos 1808 e 1809, mas mudando para o formato de folheto autónomo: os dois primeiros na lisboeta Nova Officina de João Rodrigues Neves, o terceiro nos prelos da Imprensa Regia e o quarto na Imprensa de Alcobia. O *Correo del otro mundo* veio a lume originalmente na cidade de Valência, entre agosto e setembro de 1808, seguindo o encaicho do magistério onírico-satírico de autores como Francisco de Quevedo ou Diego de Torres Villarroel⁶. Na mesma linha, recorrendo também ao diálogo imaginário e ao tópico do sonho literário, podemos acrescentar *O D. Quixote de agora com o Sancho Pansa de algum dia. Composto em língua hespanhola. Traduzido em portuguez por **** (Lisboa, Imprensa Regia, 1809), opúsculo da autoria (não revelada na tradução) de Francisco Meseguer, em que Napoleão encarna um novo (e mais recortado em altura) *Cavaleiro da má [já não triste] figura* a que Sancho Pança, porta-voz do povo espanhol, acompanha.

Daremos uma última nota relativa aos *soldados da pena* que se alistaram nesta guerra da tinta e do papel. Conquanto as traduções em foco sejam quase sempre anónimas (impressas sem indicar o nome do tradutor) ou semianónimas (identifica-

⁵ Este libelo teve uma segunda parte, também publicada em português: o *Manifesto dos intensos affectos de dor, amor e ternura de Fernando VII para servir de continuação à exposição de D. Pedro Cevallos, seguida de outros escripto [sic] relativo ao mesmo assumpto. Traduzido. do hespanhol* (Lisboa, Imprensa Regia, 1808).

⁶ Traduzidos para português a partir dele, encontramos quatro espécies sob o título comum de *Correo do outro mundo*: o que *Contém a relação da Junta celebrada no Templo da Inmortalidade entre o Grão Capitão, Antonio Peres, o Cardial Ximenes, D. Diogo Saavedra Fajardo, e Bartholomeo de las Casas na qual se tratárão de varios pontos mui interessantes á Hespanha nas actuaes circunstancias* (1808); o que *Contém a relação do Congresso celebrado no Olympo entre Pedro o Grande Imperador da Russia, Federico II. Rei de Prussia, Lourenço de Medicis de Florença, Henrique IV. De França, e Carlos V. de Alemanha, e I. de Hespanha na qual atendidas as actuaes circunstancias da Europa, resolvem o Plano que seria mais vantajoso para que esta recobrasse a sua independencia, e para destruir a ambição do Tyranno do Continente* (1808); o que oferece um *Dialogo entre um druida, e hum moderno francez*; e, por fim, o que *Contem a carta que dirige Williams Pitt ao Imperador Napoleão*.

ção do tradutor através de siglas), por vezes conseguimos, apesar da sua *invisibilidade*, rastejar a marca dos tradutores, ouvindo a sua exaltada voz própria em jeito de prefácio ou posfácio nalguns dos textos que oferecem vertidos para a língua portuguesa. Assim, no *Manifesto da Junta Suprema de Sevilha* (Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1808), o desconhecido tradutor inclui um longo “Discurso relativo ao estado presente de Portugal” com o intuito de convencer o potencial recetor do interesse do texto que verteu para português. Nesse extenso prólogo, diz confiar em que o texto traduzido consiga alentar no leitor as esperanças de que “a nossa Patria não tornará a soffrer o flagello do detestavel Dominio Francez”. Invocando Camões e a proverbial “bravura” da “nobre Hespanha”, insta a imitar a “sincera consagração patriótica” e as “grandes proezas dos nossos vizinhos” – eis a motivação para o seu trabalho como tradutor.

Por sua vez, na *Proclamação feita em Sevilha aos hespanhoes, em Janeiro de 1809* (Lisboa, Imprensa Regia, [1809]), alguém que assina como “F. B. M.” apresenta-nos o texto traduzido como uma forma de alertar o recetor contra os franceses, pois lendo-o poderá verificar que “o Lobo da Fabula não he tão criminoso como a França do nosso seculo”. Dessa forma, os sucessos relatados “enérgica, e sentimentalmente” no texto devem animá-lo a levantar-se em armas contra o invasor, apelando-se à sua virilidade: “Eu jamais julgarei homem o que não odeia, não persegue, não se vinga de Napoleão, bruto, féra, monstro: tu faze o mesmo, Leitor, serás homem”. Como último exemplo do tom inflamado que encontramos nas vozes dos agentes envolvidos nesta tarefa tradutora, citaremos as palavras de F. I. J. C. (ou seja, Felisberto Ignácio Januário Cordeiro, muito ativo como tradutor e autor de panfletos antinapoleónicos) em *Que he o que mais importa à Hespanha* (Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1808):

Como todos os verdadeiros Portuguezes devem, na presente ocasião, dar não equivocas provas da aversão que tem ao nome Francez, e testemunhar aos seus compatriotas a fidelidade, e affecto, que consagrão ao seu Augusto e Amavel Soberano, e á Patria, já pelas acções, já pelas palavras, já pelas obras, e já pelos escritos; eis o motivo porque (não cabendo nas nossas débeis forças o realizar hum mais relevante testemunho da adesão, que nutrimos) havemos traduzido este, e outros muitos folhetos, que se oferecem ao Público, como efficaz meio de despertar os animos ainda adormecidos; de inflamar os espíritos já abalados; de entusiasmar mais e mais aquelles que anciosamente correrão, e correm á defeza nacional, elevando entre mil vivas o nome de seu Augusto Principe; e de lembrar a todos em geral as suas obrigações, os seus deveres, o interessante da causa, a necessidade da união, e a gloria que nos resultará de seguirmos fieis, intrépidos, e conformes os sublimes, e maravilhosos exemplos dos Hespanhoes, que em defeza

da Religião, do Rei, e da Patria opõem todas as suas forças, e consagrão generosamente as vidas.

4. Traduzir do espanhol nos tempos da Guerra Peninsular: circunstâncias, condições e condicionamentos

Não podemos concluir esta sucinta cartografia sem sublinhar o facto de a intensa atividade translativa em análise se ter desenvolvido em circunstâncias bem pouco favoráveis para tanto, por causa do cenário bélico e não só. Às limitações e deficiências da precária indústria editorial da altura, à existência da censura e à imagem negativa da tradução, entre outros fatores condicionantes, cabe acrescentar a certamente baixa competência tradutora dos agentes envolvidos nesta tarefa. Bastará reparar em que os tradutores não podiam adquirir a necessária proficiência na língua espanhola mediante processos de aprendizagem formais, pois só no século XX é que se institucionalizou o ensino do espanhol em Portugal. Estes tradutores também não teriam ao seu dispor ferramentas de consulta básicas: a primeira gramática para lusófonos data de 1848 (*Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes*, de Nicolau António Peixoto) e, no que diz respeito aos instrumentos lexicográficos, o panorama é igualmente pouco animador.

Como pode ver-se em Vázquez Diéguez (2008 [2006]), desde meados do século XVI até aos anos da invasão napoleónica, apenas umas poucas obras lexicográficas multilingues acolhem o português e o espanhol, e algumas delas, além do seu carácter especializado em determinados âmbitos do saber, eram já tão antigas nos tempos da Guerra Peninsular que resulta bastante improvável que estivessem ao alcance dos tradutores dos textos que aqui nos ocupam⁷. No primeiro quartel do século XVIII (1712–1728), vieram a lume os oito tomos, mais dois de suplemento, do *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, de Raphael Bluteau (Coimbra, Collegio das Artes da

⁷ É o caso dos dicionários que se enumeram a seguir (as datas indicam-se no início, entre parênteses retos). 1. [1553] Amato Lusitano: *In Discoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae Doctoris Amati Lusitani Medici ac Philosophi celeberrimi [...], quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice & Gallice proponantur*, Venetiis: [Gualtiero Scoto]. 2. [1617] John Minsheu: *Ductor in linguas. The Guide into the Tongues*, Londini, John Browne (*Hispanicum, Latinum, Gallicum, Anglicum, Italicum, Portugallicum, Lusitanicum, Teutonicum*). 3. [1621] Ambrogio Calepino: *Dictionarium trilingue (latim-espanhol-português)*, Lisboa. 4. [1631] *Colloquia et dictionarium octo linguarum, latinae, gallicae, belgicae, teutonicae, hispanicae, italicae, anglicae et portugallicae*, Amstelodami: apud Everardum Cloppenburgium. 5. [1634] Bento Pereira, *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta*, Eboræ: apud Emmanuelem Carvalho. 6. [1661] Bento Pereira, *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, et Castellanicum digesta...*, Ulissypone: ex officina, & sumptibus Antonii Craesbeeck.

Companhia de Jesu), cujo oitavo volume contém um *Diccionario español-portugués y portugués-español*, como suplemento ao *Vocabulario*. Já em 1800, aparece *A Marine Pocket-Dictionary, of the Italian, Spanish, Portuguese, and Germanic Languages, with An English-French, and French-English Index*, de Henry Neuman (Londres, J. Bonsor). Por fim, em 1801 sai dos prelos de Conrad Müller em Hamburgo o *Lexicon nosologicum polyglotton omnium morborum symptomatum vitiorumque naturae et affectionum propria nomina decem diversis linguis explicata continens*, de Andrea Nemnich, o mesmo autor que, em 1799, tinha publicado em Londres o seu *The Universal European Dictionary of Merchandise, in the English, German, Dutch, Danish, French, Italian, Spanish, Portuguese, Russian, Polish and Latin Languages*.

É preciso aguardar até à década de 1860 para encontrar o primeiro dicionário bilingue, obra de Manuel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez: *Diccionario español-portugués[,] el primero que se ha publicado con las voces, frases, refranes y locuciones usadas en España y Américas Españolas, en el lenguaje comun antiguo y moderno* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1864–1866).

5. Considerações finais

Esperamos ter demonstrado a necessidade de seguir expandindo os estudos no âmbito da história externa da tradução, que podem deparar-nos surpresas como a que neste trabalho tentamos descrever e fazer-nos, assim, (re)pensar as relações entre Portugal e Espanha. Constatámos nestas páginas como, durante a Guerra Peninsular – *Guerra de la Independencia* na historiografia espanhola –, a literatura portuguesa procura a espanhola para combater o inimigo comum, com pena própria ou alheia. A larga centena de importações do espanhol nos anos da guerra representa uma significativa exceção no paradigma francófilo até ali dominante no subsistema das traduções da cultura de acolhida portuguesa.

Uma cabal compreensão desta ocorrência singular, quer no âmbito da história da tradução em Portugal, quer no das relações entre Portugal e Espanha, requer levar em boa linha de conta a alteração profunda que significaram para a Península Ibérica os acontecimentos bélicos a que os textos traduzidos aludem, os quais assinalam o princípio do fim do *Ancien Régime* e, portanto, a entrada de Portugal e de Espanha numa nova era. Não é por acaso que Luis Pegenaute (2012: 117) assevera que, do ponto de vista histórico, o século XVIII conclui em Espanha (na Península Ibérica de um modo mais geral, acrescentamos nós) em 1808. Os dois reinos peninsulares encontram-se por esses anos num contexto de transformação estrutural, que perpassa todas as camadas da vida sociocultural, incluída a produção literária (original ou traduzida), e que é crucial na configuração da Península contemporânea.

A Guerra Peninsular supõe, aliás, um ponto de inflexão para a Europa no seu conjunto – não apenas no plano político, como também no literário e no cultural. Estamos no segundo momento da escala cronológica que descreve Armando Gnisci (2004) na sua proposta de uma “história diferente da literatura europeia”, cujos tempos vêm marcados pelo processo progressivo de descolonização: após uma modernidade marcada pelos impérios coloniais ibéricos, segue-se o período da colonização britânica e francesa, onde se enquadra este conflito em que a *jangada de pedra* se torna em mera arena para o braço de ferro entre a França e a Inglaterra.

Referências bibliográficas

- Abreu, M. F. de** (2000): “El Romanticismo” // *Historia de la literatura portuguesa*, José Luis Gavianes e António Apolinário (eds.), Madrid: Cátedra, pp. 383–423.
- Abreu, M. F. de** (2010): “Portugal, siglo XVIII: luces, doctrinas y métodos” // *La luz de la razón. Literatura y cultura del siglo XVIII. A la memoria de Ernest Lluch*, Aurora Egido e José Enrique Laplana (eds.), Saragoça: Institución Fernando el Católico, pp. 205–215.
- Álvarez Barrientos, J.** (2011): “Lengua y política: los escritores y la propaganda en la guerra de la independencia” // *Diálogos transatlánticos. Memoria del II Congreso Internacional de Literatura y Cultura Española Contemporáneas*, Raquel Macchiuci (dir.) e Natalia Corbellini (ed.), La Plata: Universidad Nacional de La Plata, vol. I, <http://www.academica.org/000-042/55> (15.09.2022).
- Cao Míguez, A. B.** (2017): *Por entre o muro que afasta a China da Tartária. Contributos para uma história da tradução literária entre as línguas espanhola e portuguesa nos inícios da Idade Contemporânea (1780–1850)* [tese de doutoramento]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, <http://hdl.handle.net/10362/20763> (13.09.2022).
- Dasilva, X. M.** (2008): *Babel Ibérico. Antología de Textos Críticos sobre a Literatura Espanhola Traduzida em Portugal*. Vigo: Universidade de Vigo.
- Duarte, J. F.** (2000): “The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations” // *TTR*, vol. 13, n.º 1, pp. 95–112.
- Gallego Roca, M.** (1994): *Traducción y literatura: los estudios literarios ante las obras traducidas*. Madrid: Ediciones Jucar.
- Gnisci, A.** (2004): “Una historia diferente de la literatura europea” // *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas na Península Ibérica*, Anxo Abuín González e Anxo Tarrío Varela (eds.), Trad. de Ángeles Huerta, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 181–192.

- Magalhães, G.** (2007): “A atitude ibérica da Geração de 70. Variações na unidade” // *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 4, pp. 157–175.
- Pegenaute, L.** (2012): “United notions: Spanish translation history and historiography” // *Iberian Studies on Translation and Interpreting*, Isabel García-Izquierdo e Esther Monzó (eds.), Berna: Peter Lang, pp. 105–121.
- Pérez Corrales, M.** (2003): *Pirene romántica*. Tenerife: Argonauta.
- Sabio Pinilla, J. A. e M. M. Fernández Sánchez** (1998): *O Discurso sobre a Tradução em Portugal. O Proveito, o Ensino e a Crítica. Antologia (c. 1429–1818)*. Lisboa: Colibri.
- Vázquez Diéguez, I.** (2008 [2006]): *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez*. Alicante: Universitat de Barcelona / BVMC. <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcz89r8> (23.09.2022).
- Ventura, A.** (2007): “Os panfletos anti-franceses: subsídios para a sua História” // Ciclo de Conferências da Hemeroteca Municipal de Lisboa *O Vício da Liberdade. Jornais e Panfletos Anti-Napoleónicos (1807–1815)*.

NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA, DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE

Българска
Първо издание

Съставители и редактори

Яна Андреева
Весела Чергова
Илияна Чалъкова

Дизайн на корицата
Антонина Георгиева

Предпечат
Иво Ников

Формат 70x100/16
Печатни коли 11,5

Университетско издателство „Св. Климент Охридски“
unipress.bg

ISBN 978-954-07-6070-4



9

789540760704

unipress.bg

Цена 20 лв.

